

Gavin Rees. “Sem cobertura jornalística de traumas, haveria um completo falhanço social”

Por Joana Azevedo Viana, publicado em 22 Nov 2012 - 11:35 | Atualizado há 4 dias 3 horas

O jornalista e director do Dart Centre Europe esteve em Lisboa para falar de trauma: aqueles que os jornalistas cobrem e os que sofrem

Imagem



Imprimir

Enviar

Like 7

Send

3

0

Tweetar 1

1

Uma busca pelo nome Gavin Rees no Google leva os incautos a notícias sobre um lutador de boxe natural de Gales, algo irónico considerando o trabalho do outro Gavin Rees – director do Dart Centre Europe, que esteve ontem em Lisboa a convite do Centro de Trauma da Universidade de Coimbra. Há uns anos, o jornalista natural de Londres, que hoje trabalha na Universidade de Columbia, produziu um documentário para a BBC sobre sobreviventes da bomba nuclear que atingiu Hiroshima em 1945. Esse foi o ponto de partida para a conversa com o *i* sobre como devem os jornalistas abordar questões traumáticas no seu trabalho.

Começou por cobrir política antes do grande trabalho em Hiroshima.

Sim, antes de fazer esse documentário sobre a experiência traumática de pessoas que estavam na cidade quando foi atingida pela bomba, as minhas primeiras experiências em jornalismo tinham sido, na sua maioria, num estúdio de TV em que editava imagens enviadas para a redacção. E antes disso trabalhei em arqueologia em zonas de conflito onde havia uma espécie de peritrauma, ou seja, onde o trauma ainda durava.

Que zonas?

Etiópia, Senegal e outros locais remotos. Dás por ti a aperceberes-te de que o trauma está em toda a parte. Lembro-me que a mãe de um amigo com quem eu brincava quando éramos crianças foi violentamente atacada por um gangue criminoso porque o pai dele, que estava na prisão, era de um gangue. Este tipo de histórias estão à nossa volta, marcam-nos, e há vários tipos de histórias destas em cada comunidade. O trauma não tem só a ver com coisas que os jornalistas experienciam ou cobrem, socialmente muitos de nós estamos mais perto de traumas do que nos apercebemos muitas vezes.

O jornalista Rui Araújo lembrava na conferência que, quando a ponte de Entre-os-Rios caiu – foi um evento com bastante cobertura aqui em Portugal – foram vários os jornalistas de televisão que perguntaram a familiares das vítimas “Como é que se sente?” nos directos. Isto leva-nos à questão da sensibilidade e responsabilidade de um jornalista a abordar casos de trauma.

Sim. Acho que estes maus hábitos desenvolvem-se, em parte, por preguiça. Muitos jornalistas fazem coisas chocantes para tentarem ter uma reacção rápida que possam usar e às vezes isso torna-se uma forma estabelecida de fazer jornalismo. Mas a verdade é que há sempre outras formas de fazer as coisas, precisamos de estar sempre a reinventá-las. Suponho que, nesse caso, os jornalistas estariam a entrevistar pessoas que estavam muito zangadas e tiveram muita sorte de não serem esmurrados. Um jornalista não tem de fazer perguntas dessas para fazer bem o seu trabalho, seja nesse caso ou noutro em que possa sentir que está a intrometer-se na tristeza, no luto de alguém. Pode dizer ‘Se calhar este não é o melhor momento para falarmos, se quiser falar mais tarde contacte-me’.

Fala em reinventar as formas de fazer jornalismo. Isso tornou-se uma espécie de chavão na área.

Sim, estamos sempre a ouvir que temos de inovar, mas quando as pessoas dizem isso estão sempre a pensar em tecnologia, no último software, num sistema de gráficos inédito para televisão... Mas

esquecem-se que há várias formas de inovar.

Que podem passar pela forma como cobrimos experiências traumáticas?

Sim, e até pelo treino dos jovens jornalistas em relacionarem-se com outros. O que tende a acontecer hoje em dia é que a maioria não desenvolve esta habilidade porque não sai da redacção e não recebe apoio de profissionais mais experientes. Na realidade, parece haver uma certa relutância dos jornalistas no geral, até mesmo dos mais experientes, em falar com outros jornalistas sobre as suas experiências e emoções difíceis a cobrir histórias destas. E se não partilham informação, ela fica perdida e não é passada à geração seguinte. É uma coisa algo manhosa.

Diz que passar de entrevistar fontes de poder, como primeiros-ministros, a pessoas comuns pode ser complicado.

Sim, e é aí que falta o treino e a orientação de quem está a começar. Já te aconteceu entrevistares alguém devido a uma experiência traumática?

Até hoje não estive em nenhuma zona de guerra, mas durante o conflito recente na Líbia entrevistei por telefone um líbio, amigo de um amigo, que estava a viver o terror do que se passava em Trípoli. Depois desse dia, nunca mais consegui falar com ele. Aí surgiu a questão de como é que um jornalista se distancia das suas emoções.

Lidar com essas transições é difícil. Durante um tempo cobri notícias em geral, mas o documentário sobre Hiroshima foi a experiência mais séria que tive na área do trauma e sair da história pode ser difícil. Acho que devemos fazer o que podemos para tentar saber o que aconteceu com as pessoas depois da história, mas também temos de aceitar que só podemos ir até certo ponto. Isso é uma coisa com que os médicos, por exemplo, se debatem bastante com doentes que não conseguem curar. Devemos aceitar que o que podemos fazer é limitado e também devemos tentar perceber que relações criámos com as pessoas. Um dia, um jornalista da BBC, o Ben Brown, estava a cobrir um tsunami e, a dada altura, enquanto entrevistava uma senhora idosa, ela começou a chorar e abraçou-o, como se fosse uma menina pequena. A reacção dele – humana – foi ficar abraçado a ela e a BBC decidiu mostrar a imagem porque achou que retratava bem o que a comunidade estava a experienciar. Depois houve muitas críticas...

Há uma linha ténue entre cobrir estes casos de forma sensível e transformá-los num espectáculo, o que pode vir tanto do nosso trabalho como da forma como o público reage a ele...

Sim, sim. Quando me perguntam onde se deve desenhar essa linha, respondo sempre que depende de como é o terreno. A grande questão é como se deve balançar o que é aceitável e o que não é na cobertura de um evento específico e isso também deve vir da intenção do jornalista, do meio para o qual trabalha, etc.

Dizia que Brown foi criticado.

Bom, algumas pessoas adoraram aquela imagem, mas outras acusaram-no de estar a aproveitar-se da situação, de fingir que era uma boa pessoa, como quando um jornalista salva um bebé e filma-se de vários ângulos a fazê-lo [risos]. Esta confusão sobre se o fez por razões reais ou pelo espectáculo desaparece quando se pensa que não havia mais nada que pudesse fazer, ele não ia empurar a senhora... Não me lembro bem dos detalhes, mas o que aconteceu depois foi mais ou menos isto: meses depois, ele voltou ao local para encontrá-la porque sentiu que fez parte de um momento tão importante da vida dela e ela não se lembrava dele! E achou esse interesse dele nela mais confuso do que o primeiro encontro que eles tiveram. Daí o que dizia sobre perceber que relação criámos com o entrevistado quando falavas do líbio que entrevistaste. Não sabemos necessariamente que relação foi, e muitas vezes as nossas suposições estão erradas, muitas vezes as pessoas não esperam nada de nós...

Até agora falámos muito de televisão. Acha que há diferenças fulcrais na forma de cobrir experiências traumáticas para essa plataforma por oposição a imprensa, por exemplo?

Acho que as grandes diferenças não são tão grandes como a maioria das pessoas acha. Muitas vezes, as pessoas dizem que é mais fácil ganhar acesso a entrevistas sendo de imprensa, porque só tens um gravador na mão. Para televisão ou documentários, as grandes câmaras podem dar uma sensação de palco, algumas pessoas podem sentir-se intimidadas. Mas o que me parece ser a grande questão aqui aplica-se a ambos os casos: até que ponto é que o entrevistado está ciente do que está a dizer e de como isso vai ser usado? Acho que, como jornalistas, devemos assumir mais responsabilidade na nossa habilidade de encorajar uma pessoa a falar connosco e também nas consequências que isso pode vir a ter para as pessoas com quem falamos.

Isso faz lembrar a eterna questão de mostrar ou não uma cópia do que vamos publicar aos entrevistados antes da publicação.

Sim, sempre houve muita resistência dos jornalistas em fazer isso. Não digo que deva ser feito sempre, em todos os trabalhos, mas há situações – como estes casos de partilha de experiências traumáticas –

em que isso pode ajudar os entrevistados a preparem-se para o que vai ser publicado sobre eles, a encontrar erros... Há uns tempos uma colega minha americana estava a fazer um trabalho com jovens mulheres que tinham sido violadas no seu *campus* universitário. Não eram casos criminais, mas eram alegações feitas contra certas pessoas que estavam a ser escondidas pela universidade. E o que aconteceu foi que as mulheres que ela entrevistou não sabiam que ela ia entrevistar os acusados, não percebiam como é que alguém podia sequer querer falar com os monstros que as atacaram, e ficaram chocadas quando viram a reportagem. Nesse caso, para além da cópia, devemos explicar o que vamos fazer e que o jornalismo tem regras, que devemos ouvir todas as partes envolvidas, etc, etc.

Diz que um jornalista deve ter sempre presente que não é um psicólogo.

Sim, porque mais do que jornalistas somos humanos e o desejo de ajudar manifesta--se. O importante para ajudar é, na maioria das vezes, ouvir. Não há uma resposta certa ou errada, a entrevista até pode ajudar alguém a lidar com o seu trauma, mas acho que é um perigo um jornalista achar que pode ser uma espécie de psicólogo ao entrevistar alguém.

Quem veio a esta conferência foram jornalistas, psicólogos, sociólogos... O Dart Centre Europe, que dirige, também trabalha com pessoas dessas áreas. Perante situações como a de Ben Brown, que se repetem constantemente, em que o público fica confuso e critica a cobertura de eventos, acha que deve haver uma espécie de tentativa de informar os consumidores de notícias sobre porque é que cobrimos determinados assuntos e porque é que os cobrimos de determinada forma?

Isso é uma pergunta interessante. Acho que as pessoas não tendem a entender o trabalho dos jornalistas tão bem como poderiam entender e há uma grande tendência das pessoas em geral em dividir toda a gente em grupos: os jornalistas são assim, os polícias são assim, os leitores são assim... A verdade é que, do meu ponto de vista e da experiência que tenho tido a lidar com outros jornalistas, a maioria deles está apenas a tentar fazer o melhor trabalho que consegue. E não tenho tanta certeza sobre se o público entende isso. E acho que isso vem, muitas vezes, da confusão das pessoas em gerir os seus próprios desejos e emoções.

Como assim?

O público adora ouvir e ler sobre traumas, não se cansa disso, porque é excitante e interessante, mas a outro nível odeia isso e quer ver menos trauma nos jornais. Isto, claro, depende da situação. Mas qual seria a consequência de não ter bom jornalismo sobre experiências traumáticas, sejam elas quais forem? Levaria a um completo falhanço social.